

ENTREVISTA

GRUPOS MINORITÁRIOS E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NA ALEMANHA E NO BRASIL: UMA ENTREVISTA COM GÖZ KAUFMANN (UNIVERSIDADE DE FREIBURG, ALEMANHA)¹

MINORITY GROUPS AND LANGUAGE DIVERSITY IN GERMANY AND BRAZIL: AN INTERVIEW WITH GÖZ KAUFMANN (UNIVERSITY OF FREIBURG, GERMANY)

Göz Kaufmann²
Rafael Vetromille-Castro³
Bernardo Kolling Limberger⁴
Helena dos Santos Kieling⁵

Göz Kaufmann completou o seu doutorado na Universidade de Heidelberg, Alemanha, em 1997, e sua habilitação em 2016. Ele recebeu a *venia legendi* (*livre docência*) em Linguística Germanística na Universidade de Freiburg, Alemanha. Ocupa uma posição permanente como professor (*Akademischer Oberrat*) de linguística no departamento de alemão da Universidade de Freiburg. Suas principais áreas de pesquisa são: sociolinguística, contato linguístico, variação linguística e mudança linguística. Na área da variação e mudança linguística, seu foco é nas variedades minoritárias de alemão faladas na América do Sul, particularmente o baixo-alemão menonita e o pomerano. Além da variação lexical e morfológica, ele analisa a variação sintática nessas línguas combinando abordagens variacionistas e gerativas. Göz Kaufmann trabalhou no Brasil como professor visitante e representante do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD - *Deutscher Akademischer Austauschdienst*) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Universidade de São Paulo (USP). Na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), já ministrou diversos cursos e palestras. Para mais informações acesse, <http://paul.igl.uni-freiburg.de/kaufmann/>

1. No seu currículo, consta que você trabalhou muitos anos no Brasil e continua fazendo pesquisa no nosso país. Que aspectos você destacaria da sua pesquisa realizada no Brasil, uma vez que abrange, somente nos últimos quatro anos, três estados brasileiros – Rio Grande do

¹ Tradução do texto: KAUFMANN, G.; VETROMILLE-CASTRO, R.; LIMBERGER, B.; KIELING, H. *Minority Groups and Language Diversity in Germany and Brazil: An Interview with Göz Kaufmann (University of Freiburg, Germany)*. *Caderno de Letras*, v. 35, p. 279-293, 2019. A presente tradução foi feita pelos entrevistadores Rafael Vetromille-Castro, Bernardo Kolling Limberger e Helena dos Santos Kieling e revisada pelo entrevistado. Todas as citações diretas foram traduzidas por nós.

² Doutor em Linguística Germanística (Universidade de Heidelberg). Professor na Universidade de Freiburg, Baden-Württemberg, Alemanha.

³ Doutor em Informática (UFRGS). Professor na Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, RS, Brasil.

⁴ Doutor em Linguística (PUCRS). Professor na Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, RS, Brasil.

⁵ Doutoranda na Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, RS, Brasil.

Sul, Espírito Santo e Rondônia?

Tenho muita sorte de ter vivido e trabalhado no Brasil por dez anos (de 1997 a 2003 na UFRGS em Porto Alegre e de 2005 a 2008 na USP em São Paulo). Também me considero sortudo porque, mesmo após meu retorno para a Alemanha, tive a oportunidade de voltar ao Brasil em diversas ocasiões. Como representante do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD - *Deutscher Akademischer Austauschdienst*), como professor visitante e, mais recentemente, como pesquisador, conheci muitas universidades, muitos cientistas e, o mais importante, muitos brasileiros. Todos esses encontros foram imensamente gratificantes.

Considerando minha pesquisa no Brasil e, de forma mais geral, na América do Sul, eu gostaria de mencionar duas áreas de interesse. Primeiramente, o interesse em atitudes para com línguas e para com grupos de falantes (veja, por exemplo, KAUFMANN, 2011), ou seja, por um lado, quero aprender sobre aquilo que as pessoas pensam a respeito da(s) sua(s) própria(s) língua(s) e como avaliam seu grupo-nós.⁶ Por outro lado, tão importante quanto o primeiro aspecto, quero saber como as pessoas avaliam os grupos-eles, com os quais eles estão em contato, isto é: o que eles pensam sobre línguas em contato e seus falantes?

Tendo isso em vista, passei um bom tempo em cidades de fronteira do estado do Rio Grande do Sul, do Uruguai e da Argentina, onde pude coletar mais de 600 entrevistas por escrito com estudantes do Ensino Médio (cf. KAUFMANN, 2019; 2010). Graças a essas entrevistas, eu aprendi muito sobre o que estudantes brasileiros pensam a respeito da língua espanhola e sobre uruguaios e argentinos, bem como sobre o que estudantes uruguaios e argentinos pensam a respeito da língua portuguesa e dos brasileiros. Como venho da Europa, o papel linguístico do português na América do Sul foi, de certa forma, surpreendente para mim; na verdade, não foi tão surpreendente, uma vez que eu já tinha consciência das dimensões continentais e da dominância econômica do Brasil na América do Sul. Mesmo tendo tal consciência, foi intrigante perceber como essa dominância influencia tanto as atitudes positivas quanto as negativas de estudantes uruguaios de Ensino Médio. Enquanto a maioria dos estudantes brasileiros de Ensino Médio demonstra uma atitude benevolente, ainda que indiferente, diante dos países vizinhos – pelo menos enquanto o futebol não está envolvido –, muitos uruguaios se sentem tanto ameaçados pelo seu vizinho gigantesco quanto fortemente atraídos por ele. Independentemente da sua atitude, muitos falam português surpreendentemente bem, enquanto a maioria dos estudantes brasileiros fala espanhol de modo rudimentar, na melhor das hipóteses. Isso não quer dizer que os brasileiros não sejam bons aprendizes de línguas, mas sim que eles não sentem uma necessidade comparável de aprender a língua de seus vizinhos.

O meu segundo grande interesse de pesquisa é a sintaxe (verbal) das variedades alemãs nas Américas. Para obter dados relevantes, solicitei que 321 falantes de baixo-alemão menonita do Brasil, da Bolívia, do Paraguai, do México e dos Estados Unidos traduzissem 46 frases-estímulo em português, espanhol ou inglês para o baixo-alemão menonita. Diferentemente da maioria dos pesquisadores que trabalha com o *framework* gerativo, eu baseio minhas conclusões em dados linguísticos reais. Certamente, esses dados, que foram coletados entre 1999 e 2002 e podem ser acessados no arquivo do alemão falado do IDS⁷ (cf. KAUFMANN, 2018a) não são

⁶ Nota dos tradutores: “grupo-nós” e “grupos-eles” são traduções livres de *we-group*, e *they-groups*, termos utilizados pelo entrevistado.

⁷ Nota dos tradutores. *Institut für Deutsche Sprache* (Instituto da Língua Alemã). Disponível em: <https://www1.ids-mannheim.de/org/>. Acesso em: 12 dez. 2019.

naturais em um sentido estrito, mas definitivamente são mais válidos que intuições dos próprios pesquisadores acerca da gramaticalidade de orações construídas por eles mesmos. A grande sacada desses dados é o fato de que essas 14.500 orações traduzidas permitem a análise (estatística) de diferentes aspectos sintáticos, por vezes raros, do baixo-alemão menonita, entre eles a serialização de elementos verbais no final da oração e o grau de encaixamento de diferentes tipos de orações (cf., por exemplo, KAUFMANN, 2018b; 2015; 2007).

Como o resultado dessas traduções foi muito frutífero, eu voltei a utilizar esse método nos últimos quatro anos. Dessa vez, meu interesse foi relacionado ao pomerano falado por descendentes de imigrantes da Pomerânia Oriental (cf. KAUFMANN 2017 e no prelo). Enquanto ministrei um curso na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no Rio Grande do Sul, o professor Luís Centeno do Amaral⁸ me levou a uma escola pomerana do interior de São Lourenço do Sul. Depois de poucos minutos da minha visita, meu interesse já foi despertado e nunca mais diminuiu. Sendo assim, entre 2017 e 2019, eu visitei três vezes os pomeranos no Rio Grande do Sul, duas vezes em Rondônia e uma vez no Espírito Santo. Durante essas saídas de campo, eu realizei 250 entrevistas em que os informantes traduziram sessenta-e-uma frases-estímulo do português para o pomerano. Novamente, essas entrevistas resultaram em cerca de 14.500 traduções. Dessa vez, no entanto, eu também gravei conversas livres entre pomeranos que conversam um com o outro sem a presença do pesquisador. Esses dados, entre outros aspectos, permitirão avaliar indiretamente a validade dos dados da tarefa de tradução.

2. A partir da sua pesquisa em diferentes regiões, vindo periodicamente ao Brasil nos últimos 20 anos, que aspectos da nossa diversidade linguística chamam mais sua atenção?

Com relação às variedades alemãs no Brasil, o aspecto mais impressionante é o fato de elas ainda existirem, o que é testemunha da grande diversidade linguística no país. Normalmente, línguas de imigrantes desaparecem em três gerações. Nos Estados Unidos, poucos descendentes de imigrantes de regiões germanófonas da Europa ainda usam uma variedade alemã. Por exemplo, 90% dos pomeranos que deixaram o Reino da Prússia foram para os Estados Unidos, mas lá as variedades do pomerano praticamente desapareceram. Em contraste com e, apesar do fato de que apenas um pequeno percentual de pomeranos migrou para o Brasil, há ainda em torno de 200.000 falantes de pomerano. É importante ressaltar que eles mantiveram sua língua apesar de severas medidas jurídicas implementadas durante a época do Estado Novo, cujo objetivo principal era subjugar o alemão, o italiano e outras línguas de imigrantes e seus falantes.

A razão para esse comportamento tão distinto entre pomeranos no Brasil e nos Estados Unidos é o fato de que muitos imigrantes que chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX diferiam da maioria da população em aspectos importantes. Os pomeranos são luteranos e não católicos, ou seja, havia e ainda há uma enorme barreira cultural e religiosa entre eles e a maioria da população brasileira. Isso era muito diferente nos Estados Unidos, onde o Protestantismo tem presença mais forte. Em segundo lugar, os pomeranos têm a pele muito clara. Por um lado, isso ocasiona graves problemas de saúde entre eles, como o câncer de pele. Por outro lado, eles se enquadraram na ideologia do branqueamento da raça, embora essa ideologia racista tenha se espalhado mais apenas após a chegada da maioria dos imigrantes de

⁸ Prof. Luís Centeno do Amaral é pesquisador da área de Sociolinguística e professor do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

regiões da Europa falantes de alemão. Entretanto, a essência dessa ideologia já estava presente por muito tempo e pode ter fortalecido o desejo dos imigrantes de não se misturarem com pessoas de pele menos clara e especialmente com negros. Ironicamente, essa reação frustrou um aspecto do “branqueamento racial”, ou seja, a miscigenação (veja, por exemplo, a pintura famosa de Modesto Brocos *A Redenção de Cam*). Em terceiro lugar e talvez mais importante, a maioria dos imigrantes europeus era pobre. Os pomeranos, por exemplo, deixaram uma situação socioeconômica dominada por homens de uma classe poderosa, conhecidos por *Junker*, cujo poder era mais ou menos comparável ao dos escravocratas no Brasil. Como praticamente todos os pomeranos já tinham ouvido falar da escravidão no Brasil e haviam sido alertados sobre os perigos de, mais uma vez, serem escravizados na chegada, eles podem ter preferido manter distância e não se envolverem muito na “perigosa” sociedade brasileira.

Então, por um lado, sempre me impressionei com a grande diversidade linguística do Brasil em função da imigração, não somente pela imigração de falantes de alemão. Entretanto, eu fico ainda mais impressionado com o discurso “oficial” avassalador do monolinguismo existente no país, um discurso que contrasta fortemente com a realidade. Além da falta de atenção dada às línguas minoritárias, a negação da variação diatópica do português, com exceção dos denominados sotaques regionais, é um fato curioso em um país desta dimensão e, especialmente, em um país onde ninguém parece saber como é o português-padrão e onde ou por quem é falado. Também é impressionante a falta de uma discussão construtiva acerca da quantidade ainda maior de variação diastrática. Além do fato de que essa variação seja objeto de pesquisa sociolinguística (veja, por exemplo, o trabalho de Marcos Bagno, especialmente BAGNO, 2000), é curioso o quão pouco essa variação e suas consequências são mencionadas fora do meio de pesquisas linguísticas. A única exceção são comentários frequentes e indiscriminados sobre como muitas pessoas no Brasil são incapazes de falar português corretamente apesar de ser a sua língua materna e, muitas vezes, a sua única língua. A coincidência da frequente falta de conhecimento sobre quais formas poderiam ser chamadas de português-padrão e um “conhecimento” de caráter não científico de formas linguísticas supostamente incorretas como “ele vai vim”, “nós fala” ou “nós falemo” (não no modo subjuntivo), “para tu fazer” e “três filho” é, de fato, objeto relevante para pesquisas futuras.

Esse “conhecimento do incorreto” teimosamente defendido e a coincidente ignorância do “correto” pode lembrar algumas pessoas da atitude de muitos brasileiros frente à história racial. Chico Buarque fala sobre racismo em uma entrevista reveladora e descreve-o como “uma coisa muito mal resolvida no Brasil [...] o brasileiro não aceita o fato de ser mestiço”. (cf. <https://www.youtube.com/watch?v=76vYuupKPwo>; 1:55 minutos; último acesso em 28 de novembro de 2019)

Talvez os brasileiros poderiam melhorar as circunstâncias da vida substancialmente se eles aceitassem o seu óbvio histórico racial. Nesse caso, um poderoso verso da canção “Preto, Cor Preta” de Jorge Aragão poderia ser aplicado a quase todos: “Preto que tem resolvida sua cor não tem que se impor, nem que se curvar!” Curiosamente, muitos brasileiros parecem estar convencidos de que eles não participam de coisas que eles consideram “erradas” ou “indesejáveis”. Com relação à língua, seria a falta de concordância; com relação à ancestralidade, seria ter alguma descendência negra ou indígena. Evidentemente, nem estereótipos linguísticos, nem racismo são marcas exclusivamente brasileiras. Eu sou alemão e tenho consciência da história infame do meu país. No mundo inteiro, essas duas pragas parecem ser causadas tanto pela relutância em aceitar fatos científicos cruciais quanto pela difundida ignorância sobre tais fatos.

Considerando estereótipos linguísticos, é importante saber que línguas oficiais e/ou variedades padrão não são gramaticalmente mais complexas que variedades não padrão. As línguas oficiais e/ou variedades padrão são apenas as variedades que, no passado, eram padronizadas por pessoas com muito capital no mercado linguístico. Max Weinreich descreveu esse fato em um famoso gracejo: “Uma língua é um dialeto com um exército e uma marinha” (*“A language is a dialect with an army and navy.”*). Com relação ao racismo, é preciso saber que a origem do *homo sapiens*, ou seja, de todos nós, encontra-se na África. Isso significa que não somente quase todos os brasileiros são negros ou têm sangue negro correndo pelas veias, mas que os ancestrais de todas as populações humanas eram negros. Nossa evolução aconteceu nas regiões tropicais da África e lá era definitivamente uma vantagem ter uma cor de pele que nos protegesse contra a intensidade do sol tropical. Basta perguntar aos pomeranos no Espírito Santo ou aos australianos brancos sobre seus problemas de pele. Foi a subsequente evolução na Europa que os deixou brancos demais para lidar com os trópicos. Isso tudo significa que, independentemente se somos caucasianos de pele rosada, ou seja, europeus, ou se somos da Ásia e temos olhos amendoados, nós somos intimamente relacionados à Mãe África ou, como Richard Dawkins nos diz em uma camiseta: “Somos todos africanos” (*We are all Africans*).

Na minha opinião, a única diferença entre o Brasil e a maioria dos outros países é que o abismo entre a ficção e a realidade é especialmente acentuado. Afinal, pessoas negras formaram a maioria da população brasileira por muito tempo e, portanto, não pode ser uma surpresa que quase todos os brasileiros têm, pelo menos, alguma herança negra. Esse fato é, por vezes, referido com o infame dito popular “Ele tem um pé na cozinha”, um eufemismo que convenientemente esconde os incontáveis casos de estupro de escravas negras na história do Brasil. Como ainda frequentemente é negado o acesso à educação (superior/de qualidade) a pessoas negras, apesar das cotas para entrada nas universidades, não é de se surpreender que porções da população tenham desenvolvido uma forma própria de falar, que eu reforço, é uma forma própria, não uma forma incorreta de falar!

3. Você pesquisa atitudes de falantes sobre diferentes variedades linguísticas. Você percebe diferenças nas atitudes de brasileiros e alemães sobre as línguas e culturas minoritárias?

Na verdade, existem similaridades impressionantes com relação aos grupos minoritários no Brasil e na Alemanha. Em ambos os países, existem minorias autóctones e alóctones e, em ambos, as minorias autóctones usufruem mais direitos do que as outras, apesar de serem bem menos expressivas. Na Alemanha, por exemplo, o partido político da pequena minoria dinamarquesa no estado de Schleswig-Holstein é um dos três partidos que não precisam ganhar 5% dos votos nas eleições estaduais para entrar no parlamento. Os outros dois partidos representam a minoria sorábia e a minoria frísia. Além disso, muitas minorias linguísticas autóctones são protegidas pelo Estatuto Europeu para Minorias Linguísticas ou Regionais. Isso é uma realidade para o frísio do norte, o baixo-alemão e o sorábio (língua eslava falada na Alemanha Oriental), o romani (língua do povo cigano da comunidade Roma) e a língua de sinais alemã.

Já com relação a minorias alóctones na Alemanha, é importante saber que muitos políticos alemães e muitos cidadãos não consideram (e não querem considerar) a Alemanha como um país de imigração, apesar de isso ser nada mais do que uma invenção da imaginação, tal qual a negação de uma descendência negra no Brasil. Já no início do século XVII, 50.000 protestantes da França, chamados de Huguenotes, fugiram da perseguição e encontraram um

novo lar em Berlim e em regiões vizinhas do estado de Brandemburgo. Da mesma forma, no século XIV, muitos migrantes poloneses chegaram no vale do rio Ruhr para trabalhar nas minas de carvão. Posteriormente, após a Segunda Guerra Mundial, uma massiva imigração do Sul da Europa e da Anatólia aconteceu. O maior grupo veio da Turquia, com mais de 800.000 pessoas, entre eles muitos curdos. Mais recentemente, muitos cidadãos membros de países do leste e do sudeste da União Europeia e mais de um milhão de refugiados da Síria, do Iraque, do Afeganistão e de diversos países da África chegaram na Alemanha. Atualmente, dez milhões de estrangeiros vivem na Alemanha, aproximadamente 12% da população total de 83 milhões.

Considerando dois fatos relacionados ao futebol, podemos compreender que a imigração sempre desempenhou um papel importante na história da Alemanha. (1) Quando o FC Schalke 04, provavelmente o clube mais tradicional da Alemanha, ganhou seu primeiro título nacional em 1934, um jornal esportivo polonês escreveu: “O campeonato alemão nas mãos de polacos: triunfo dos jogadores do Schalke 04, o time dos nossos compatriotas” (cf. URBAN, 2011, p. 49-52). A julgar pelos nomes dos jogadores, entre eles Emil Czerwinski, Ernst Kalwitzki, Ernst Kuzorra, Fritz Szepan, ou Otto Tibulski, essa afirmação não parece exagerada, apesar de todos esses jogadores terem nascido em Gelsenkirchen, a cidade do FC Schalke 04 e, apesar de essa provocação ter sido perigosamente política naquele período. (2) A seleção alemã de 2014, que, como alguns leitores devem lembrar, ganhou a Copa do Mundo no Brasil, é também interessante nesse aspecto, pois seis dos 23 jogadores tinham um passado migratório. Ao contrário de Miroslav Klose, o artilheiro recordista das Copas do Mundo, que como Lucas Podolski e apesar do seu sobrenome alemão, nasceu na Polônia, Mesut Özil (filho de imigrantes turcos), Sami Khedira (pai tunísio), Shkodran Mustafi (filho de imigrantes albaneses), e Jérôme Boateng (pai ganês) nasceram na Alemanha. Esses seis jogadores marcaram quatro dos dezoito gols da Alemanha, dois desses na partida de 8 de julho de 2014...

Com relação a reações políticas sobre a imigração e minorias linguísticas, é notório que, devido a uma suposta ameaça de interferência/invasão alemã no Brasil, o Estado brasileiro na época do Estado Novo suprimiu ativamente os grupos falantes de alemão e outros grupos minoritários. Ainda que a minoria polonesa na Alemanha tenha sido exposta a medidas similares na era do Terceiro Reich, tais medidas jamais foram cogitadas na Alemanha pós-guerra. Isso não quer dizer que todos os alemães estejam felizes com o fato de que muitos alemães de descendência turca/curda ainda se interessam bastante por assuntos turcos/curdos e votam nas eleições turcas. No entanto, nenhum partido político na Alemanha, com uma possível exceção de partidos de extrema direita, questionariam o direito dessas pessoas de fazê-lo. Então, algo positivo a se mencionar é que as minorias turcas e curdas não são abertamente reprimidas. Por um lado negativo, nenhuma medida afirmativa foi adotada. A Alemanha, por exemplo, raramente tentou facilitar a integração dos imigrantes turcos/curdos ou de seus descendentes, nem tampouco a manutenção das suas línguas e identidades. Existem poucas escolas na Alemanha em que a língua turca/curda possa ser aprendida como língua estrangeira, muito menos escolas em que são meios de instrução. Nesse aspecto, o Brasil, pelo menos até 1930 e desde 1970 em diante, tem uma história mais positiva.

De maneira geral, minorias autóctones na Alemanha parecem ser vistas mais positivamente que minorias alóctones. No Brasil, parece ser o contrário, e dois pontos são cruciais com relação a isso. Por um lado, o Brasil, ao contrário da Alemanha, sempre se considerou como um país de imigração. Por outro lado, os imigrantes brancos da Europa foram sempre bem-vindos no Brasil para “controlar” a predominância da população negra (cf. a ideologia racista do branqueamento da raça). Na Alemanha, a imigração é geralmente vista como uma medida excepcional para satisfazer necessidades urgentes relacionadas à mão de

obra. Na verdade, os chamados *Gastarbeiter* (“trabalhadores convidados”) não eram convidados para ficar. Preferivelmente, eles deveriam voltar para seus países de origem logo depois que o trabalho estivesse terminado. Muitos assim o fizeram em função da saudade da Turquia, da Itália, da Iugoslávia e da Grécia (cf. a famosa canção *Griechischer Wein* ‘vinho grego’ composta pelo austríaco Udo Jürgens; disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QBkPARPm-Mc>; último acesso em 28 de novembro de 2019). Entretanto, nem todos retornaram, ou seja, nem todos agiram como os políticos alemães esperavam. Muitos dos “trabalhadores convidados” trouxeram suas famílias para a Alemanha, tiveram filhos nascidos na Alemanha, que, em alguns casos, se casaram com alemães e simplesmente se recusaram a “voltar” para um lugar que só conheciam nas férias. Diante desse fato, seus pais frequentemente também ficaram (veja o filme *Alemanya – Willkommen in Deutschland* ‘Alemanya – Bem-vindos à Alemanha’; ŞAMDERELI; ŞAMDERELI, 2011). O autor suíço Max Frisch caracterizou a atitude alemã bastante apropriada: “*Wir riefen Arbeiter, und es kamen Menschen*” (‘Nós chamamos trabalhadores e chegaram seres humanos’).

4. A globalização tem derrubado fronteiras geográficas e aproximado diversas culturas e pessoas, especialmente em decorrência da profusão de recursos tecnológicos digitais, como os sites de redes sociais. Tal fenômeno de aproximação global, paradoxalmente, também tem concorrido para a exacerbação dos preconceitos e da segregação de culturas e línguas minoritárias. Você compartilha essa percepção? Em caso afirmativo, você entende que as línguas minoritárias estão ameaçadas por este movimento global?

Bem, eu nunca usei recursos digitais tais como Twitter ou Facebook, então, talvez eu não seja a pessoa certa para responder a essa pergunta. De qualquer forma, eu não posso afirmar se os problemas atuais com essas fontes de informação, por exemplo, a manipulação russa das eleições de 2016 nos EUA ou os perigos com o chamado “filtro bolha”, afetam, de fato, grupos minoritários de forma diferente da que afeta os grupos majoritários. Na verdade, podem até ajudar grupos minoritários, pois muitos dos falantes começam a escrever sua língua pela primeira vez graças a esses recursos. Entretanto, como já disse antes, especialmente as línguas de migrantes estão sempre ameaçadas, já que existe uma razão pela qual essas pessoas deixaram seus países. Sua migração é causada tanto por perseguição quanto por necessidades econômicas. Tendo isso em vista, faz sentido que muitos imigrantes tenham uma atitude ambígua com relação ao seu país de origem e, portanto, mudem para a língua majoritária após três gerações. O que prejudica essa sucessão de eventos é o fato de que eles não são, verdadeiramente, bem-vindos (caso de muitos imigrantes na Alemanha) ou o fato de que eles são/sentem-se diferentes da maioria da sociedade – caso dos turcos/curdos na Alemanha e de muitos imigrantes falantes de variedades alemãs no Brasil (cf. MATTHEIER, 1994).

De maneira geral, a globalização em todos os seus aspectos, não somente considerando os recursos digitais, provavelmente representa uma ameaça gigantesca a muitas línguas, não apenas às menores. Quanto mais quisermos interagir com pessoas de outros países, maior é a necessidade de línguas internacionais. Isso faz com que essas línguas sejam mais prestigiadas, pois podem ser utilizadas em mais situações do que as línguas pequenas. Para que as línguas pequenas sobrevivam, especialmente as bem pequenas, é uma *conditio sine qua non* que elas sirvam a funções especiais – a variedade dos *Amish* (*Pennsylvania Dutch*) e o iídiche dos Judeus ortodoxos são dois exemplos proeminentes disso – ou que tenham uma estima muito grande de seus falantes. Afinal, são esses falantes que devem transmitir sua língua para a próxima geração.

Se eles não mantiverem a língua na família, a perspectiva para tais línguas é sombria (cf. FISHMAN, 1990). Trazer minorias linguísticas para o contexto escolar ou, de maneira mais geral, para contextos oficiais, contribui, mas definitivamente não é suficiente para garantir a manutenção de uma língua. Obviamente, é compreensível que pais frequentemente prefiram falar a língua majoritária em casa para facilitar a entrada dos filhos na escola. Bourdieu (1994, p. 49) descreveu esse fato para o contexto francês da seguinte forma:

Para induzir os portadores de competências linguísticas dominadas a colaborarem na destruição de seus instrumentos de expressão, esforçando-se, por exemplo, em falar 'francês' com seus filhos ou exigindo que eles falem 'francês' em casa [...], foi necessário que o sistema escolar fosse percebido como o principal (de fato, o único) meio de acesso a cargos administrativos [...].

Evidentemente, tal colaboração é muito perigosa para a manutenção das línguas minoritárias. No Brasil, todos aprendem português, mas pomerano, hunsriqueano, japonês, polonês ou variedades do italiano não são aprendidos nas ruas como muitos falantes de línguas minoritárias parecem acreditar; só serão aprendidos no círculo familiar.

5. Você considera relevante que a reflexão sobre as línguas minoritárias e sua importância esteja presente nos currículos de cursos de formação de professores (de línguas)? Que aspectos das línguas minoritárias você entende como essenciais para compor os currículos das licenciaturas em Letras?

Para Bourdieu (1994, p. 45), professores escolares em muitas partes do mundo desempenham um papel decisivo na supressão de línguas não padrão. De acordo com ele, eles não são nem agentes, nem protetores de línguas minoritárias:

A ignorância [dos fatos do mercado linguístico] não é desculpa; essa lei linguística tem seu corpo de juristas - os gramáticos - e seus agentes de regulação e imposição - os professores - que são universalmente empoderados para sujeitar o desempenho linguístico dos sujeitos ao exame e à sanção legal da qualificação acadêmica.

No caso do Brasil, um agravante é o fato de que muitos professores, certamente aqueles do sistema público de ensino, trabalham com um salário muito baixo e sob condições bastante precárias. Além disso, esses professores raramente são falantes nativos de português-padrão, seja este o que for, e certamente não pertencem a classes privilegiadas, pois se pertencessem não teriam se transformado em professores da rede pública. Essa profissão extremamente importante, mas muito subestimada no Brasil, simplesmente não paga o suficiente. De certa forma, os professores de escola pública têm que ensinar uma língua que nem eles mesmos dominam completamente para crianças que estão ainda mais distantes da variedade padrão devido aos desvios diatópicos e diastráticos da sua variedade nativa. Diante de tais problemas, “complicações” adicionais, como a existência de mais línguas na comunidade escolar, podem sobrecarregar os professores.

A título de ilustração, eu gostaria de mencionar uma experiência que tive durante a pesquisa de campo com os pomeranos. Eu não consigo recordar quantas vezes eles me disseram

que chegaram na escola sem nenhum conhecimento de português. É importante frisar que não me refiro apenas a informantes com sessenta ou setenta anos, mas também àqueles com trinta ou quarenta anos que, em muitos casos, apenas passaram três ou quatro anos na escola. Com sorte, eles não levavam uma surra por falarem apenas pomerano e, com muita sorte, alguém na escola, um professor ou colega, sabia português tão bem quanto pomerano e estava disposto a ajudar. No entanto, nem todos tiveram essa sorte. Falei com um homem que me contou ter urinado nas calças porque não conseguia pedir à professora para ir ao banheiro. Embora quase todos se lembrem de ocorrências similarmente dramáticas, quase todos falam delas como se fossem situações engraçadas. Não é necessário ser psicólogo para ver repressão em tal reação e para imaginar o real dano psicológico que tais experiências causam em uma criança. Língua é uma das, senão a parte mais importante da nossa identidade; então, imagine ser espancado por falar a língua/variedade de seus pais ou ouvir que a língua/variedade que você fala em casa é deficitária. Isso significa que a criança é obrigada a pensar que ela ou seus pais são também assim? Em um documento australiano oficial, essa relação é explicitamente declarada, e passos necessários para melhorar essa realidade, particularmente em comunidades aborígenes, são previstos. Tom Calma comenta em seu relatório (cf. *Closing the Gap*, 2017, p. 15):

As fortes relações entre cultura, língua e identidade e a forte correlação entre status linguístico e os resultados da educação, do emprego, da instrução e da saúde física e mental nas comunidades requererem um foco social e cultural de todos os ramos do governo.

Para melhorar a situação geralmente problemática da rede pública de ensino, um grande investimento financeiro seria necessário. Eu sempre me impressionei com a quantidade de dinheiro destinada para o sistema universitário no Brasil, muito mais que em outros países da América do Sul. Hoje em dia, no entanto, estou convencido de que a maior parte desse dinheiro teria sido melhor investida na rede pública de ensino. Infelizmente, isso não aconteceu, e a razão para isso é que provavelmente esse investimento seria uma ameaça iminente às classes dominantes. Afinal, algumas crianças pobres poderiam se tornar mais espertas que algumas ricas.

Além do dinheiro, o velho discurso do monolingüismo no Brasil precisa ser revisto, não apenas na formação de professores, mas em toda a sociedade. A menos que brasileiros compreendam os danos de tal discurso e sejam convencidos da equidade gramatical entre língua padrão e não padrão, o cenário não se alterará independentemente dos investimentos realizados. A ironia disso pode ser demonstrada comparando o inglês com a variedade chamada de “português popular brasileiro”. Em inglês, a única mudança superficial na forma do verbo infinitivo no presente ocorre na terceira pessoa do singular. Fala-se: “*he/she/it makes*” e “*I/you/we/you/they make*.” Será que algum brasileiro, vendo esse paradigma verbal reducionista, chamaria o inglês de uma língua simplificada falada por pessoas aparentemente sem formação? Provavelmente não, mas o fato de que muitos brasileiros fazem o mesmo, distinguindo “*eu faço*” de “*tu/você/ele/ela/a gente/nós/eles faz*”, é visto como um sinal claro de deficiência e/ou deterioração cultural. Se você é inglês, pode dizer “*for me to do this*” e ninguém poderá se ofender a respeito do uso do pronome oblíquo “*me*”, mas o fato de um brasileiro dizer “para **mim** fazer isso” é considerado ultrajante, pois o uso de “*mim*” ao invés do “*eu*” precisaria ser punido. Falantes de inglês são respeitados até mesmo quando marcam o plural em apenas um elemento da frase nominal como em “*the nice houses*”, mas coitados daqueles brasileiros que falam algo como “*as casa bonita*”.

Outro aspecto importante acerca das línguas minoritárias que deveria ser tratado durante a formação de professores é o fato de que a existência de empréstimos linguísticos não é sinal de atrito linguístico ou decadência cultural (cf. KAUFMANN, 2017). A expectativa de que línguas minoritárias no Brasil devem evitar empréstimos linguísticos do português é absurda, já que essas pessoas falam português diariamente. Mais uma vez, um olhar para o inglês ou português deveria ser suficiente para convencer o leitor do tratamento ambíguo frente às críticas a línguas minoritárias: Cerca de 40% do léxico do inglês deriva do latim ou do francês. E sejamos honestos: “futebol” e “outdoor” não têm origem portuguesa/latina, nem “moleque”, “tamanduá”, “chope” ou “açúcar”. Todas essas palavras ocorrem em todas as variedades do português. Deveríamos, então, chamar essas variedades de degeneradas? Obviamente não, provavelmente porque português-padrão tem “um exército e uma marinha”. A esse respeito, eu gostaria de lembrar o leitor, mais uma vez, do paralelismo no tratamento de certas línguas e certos grupos de pessoas. Hobsbawn (1990, p. 108) escreve:

Além disso, há uma analogia evidente entre a insistência de racistas na importância da pureza racial e os horrores da miscigenação, e a insistência de muitas - para não dizer quase todas - formas de nacionalismo linguístico na necessidade de purificar a língua nacional dos elementos estrangeiros.

O último e possivelmente o ponto mais importante que eu gostaria de mencionar com relação à formação de professores diz respeito ao fato de que uma língua abrange muito mais do que suas palavras ou sua fonologia, morfologia e sintaxe. Ao discutir sobre o contato de falantes de otomí, uma língua indígena do México, com a língua espanhola e com a maioria hispanofalante, Hamel (1997, p. 113) escreve:

O segundo tipo de mudança começa com uma transformação da base interpretativa do grupo étnico, ou seja, com uma mudança de esquemas culturais, padrões da interação verbal e procedimentos interpretativos, enquanto a língua indígena permanece na superfície.

Definir a vitalidade e o *status* de uma língua minoritária exclusivamente através da análise de seu sistema linguístico pode ser altamente enganoso. Uma língua pode ter perdido a sua base cultural mesmo que essa língua ainda seja falada. É em função disso que tanto a cultura quanto a língua minoritária devem ser consideradas. Hamel (1997, p. 113) reforça ainda que “uma vez que a base cultural e pragmática nativa é erodida [...], a substituição da língua enquanto tal pode ocorrer muito mais facilmente.”

Isso nos leva a concluir que tanto grupos minoritários quanto majoritários devem fazer sua parte para evitar o desaparecimento de línguas minoritárias. O grupo minoritário precisa transmitir a sua língua para suas crianças – e é preciso dizer mais uma vez, inserir a língua em um sistema escolar não é suficiente; tal fato certamente contribui, mas não faz todo o trabalho sozinho (cf. KAUFMANN, 2006). O grupo majoritário também precisa fazer a sua parte e, devido à desigualdade social entre os grupos, a parte da maioria é ainda mais crucial. Por um lado, o grupo majoritário e seus líderes políticos devem fazer com que o dinheiro esteja disponível, por exemplo, para uma formação de professores mais adequada e para aumentar o número de aulas da cultura/língua minoritária na escola. Por outro lado, o grupo majoritário e seus líderes políticos precisam criar um ambiente em que a manutenção da cultura e língua

minoritária não sejam somente toleradas, mas desejadas, um ambiente em que o multilinguismo seja visto como um patrimônio ao invés de um empecilho. Apenas nesse ambiente, os falantes de línguas minoritárias podem desenvolver atitudes positivas frente a sua própria língua e cultura. Dovalil (2015, p. 367) sintetiza, de modo pertinente, o papel e a necessidade de (falantes de) línguas minoritárias:

Quando línguas minoritárias têm principalmente um valor sentimental e apenas um baixo valor instrumental, quando elas limitam a mobilidade de um indivíduo, ou quando aprender uma língua minoritária não é economicamente vantajoso em termos de custos de oportunidade, os falantes de línguas minoritárias terão boas razões para preferir a língua majoritária em um determinado momento. Isso acontece normalmente no caso de falta de recursos financeiros ou vontade política para apoiar a língua minoritária (e o multilinguismo).

6. Na mesma linha da questão anterior, como a sua pesquisa sobre o pomerano pode contribuir para a atuação dos professores de línguas?

Como já mencionei, meu primeiro contato com pomeranos aconteceu em uma escola onde o pomerano era/é ensinado em uma ou duas horas por semana. Embora uma maior carga horária seja necessária para atingir um impacto mais profundo nos alunos, a simples presença da língua na escola teve consequências importantes. O pomerano ganhou mais prestígio e a comunidade pomerana considerou muito importante ter sua língua ensinada na escola. Com relação à minha pesquisa, há um fato interessante, embora desconcertante, pois muitos pomeranos, especialmente os que entrevistei, sentiram-se honrados com a minha presença. Frequentemente, eles simplesmente não compreendiam o porquê de um professor universitário e, ainda, vindo da Alemanha, se preocupar em visitar a sua comunidade e estudar a sua língua. Esse fato é desconcertante porque, durante o trabalho de campo, é óbvio que, na verdade, o falante faz um favor ao pesquisador participando do seu projeto. Definitivamente, não é o pesquisador que faz um favor aos falantes entrevistados.

Muito menos desconcertante é a obrigação do pesquisador de manifestar aos falantes a importância e validade de estudar a sua língua. Eu serei breve e darei apenas um exemplo para isso (cf. MILROY; GORDON, 2003, p. 84-87, para uma discussão mais detalhada das responsabilidades do pesquisador). Uma das frases-estímulo da minha pesquisa é a oração contrafactual no passado “Ontem eu poderia ter vendido o anel”. Ofereço uma tradução dessa oração para o alemão-padrão em (1) e uma tradução frequente dos informantes pomeranos em (2):

(1) *gestern hätte ich den Ring verkaufen können*
ontem tivesse^{1PS/Subjuntivo-II} eu^{1PS/Sujeito} o anel vender^{Infinitivo} poder^{Infinitivo}
 Alemão-padrão

(2) *gistem hät küüt ik dai fingerring forköft*
ontem tem^{3PS/Presente} podido^{Participio} eu^{1PS/Sujeito} o anel vendido^{Participio}
hat hāwa
teve^{Participio} ter^{Infinitivo}

Pomerano

Não-linguistas poderão encontrar rapidamente, no mínimo, quatro “deficiências” na tradução do pomerano. Em primeiro lugar, o pomerano não tem um modo subjuntivo assim como o português ou o alemão-padrão. Alguém poderia se então perguntar: como uma língua tal deficiente pode expressar contrafactualidade? Em segundo lugar, o verbo finito *hät* não concorda com o pronome de primeira pessoa do singular *ik*. Em terceiro lugar, o falante dessa oração produz o verbo “ter” três vezes, uma vez como verbo finito (*hät*), outra vez como particípio do passado (*hat*), e, por último, como infinitivo (*häwa*). Em quarto lugar, por que o verbo modal *küüt* ocorre na posição na qual ocorre? Em todas as outras variedades germânicas da parte ocidental do continente europeu, o espaço entre um advérbio na primeira posição e um pronome na terceira posição pode ser preenchido apenas por um elemento verbal. Essa posição nunca permite dois elementos verbais. Apesar dessas aparentes deficiências, ninguém deve se apressar em tirar conclusões prematuras, já que a tradução do alemão-padrão demonstra que algumas coisas estranhas também acontecem nessa variedade. Pode-se, por exemplo, questionar por que o verbo final da oração *können* aparece no infinitivo. Como esse verbo modal é governado pelo auxiliar temporal *hätte*, ele deveria aparecer como um particípio do passado. É exatamente o que acontece com o pomerano. O verbo modal *küüt* pode ser estranho nessa posição, mas aparece no particípio do passado, pois é governado pelo auxiliar temporal *hät*. Obviamente, como o alemão-padrão é uma língua “decente”, que tem “um exército e uma marinha”, nós não chamaremos essa incongruência, difícil de explicar, de deficiência gramatical. Podemos recorrer a um termo latino refinado para isso. Que tal *infinitivus pro participio*, frequentemente abreviado como IPP? Isso soa refinado e importante. No caso do pomerano, entretanto, nos apegamos a termos como paradigma deficiente (modo subjuntivo não produtivo, assim como no inglês), uma falta de concordância (entre verbo finito e pronome sujeito), uma desnecessária triplicação do auxiliar temporal *häwa* (ter), e uma posição não usual do verbo modal.

Apesar disso, um olhar mais detalhado sobre outras traduções do pomerano pode nos ensinar lições sobre como uma língua sem um modo subjuntivo produtivo consegue marcar contrafactualidade. O ponto decisivo a esse respeito é como um evento factual passado com verbo modal é codificado. Os exemplos (3) e (4) são traduções da frase-estímulo “Ontem, Pedro teve que se encontrar com a Maria”:

(3) *gestern hat sich Peter mit Maria treffen*
ontem tem^{3PS/Presente} se Peter^{3PS/Sujeito} com Maria encontrar^{Infinitivo}
müssen
teve-que^{Infinitivo}

Alemão-padrão

(4) *jestern hät Pedro müst si mit Marie treffe*
ontem tem^{3PS/Presente} Peter^{3PS/Sujeito} tido-que^{Participio} se com Maria encontrar^{Infinitivo}

Pomerano

Interessantemente, nem o inglês nem o alemão-padrão ou o pomerano apresentam uma característica importante desta frase-estímulo em português brasileiro. O português pode distinguir entre uma situação em que o encontro de Pedro e Maria não só era necessário, mas ocorreu de fato (“teve que se encontrar”) e uma situação em que esse encontro era necessário,

mas não necessariamente ocorreu (“tinha que se encontrar”). Nesse quesito, inglês, alemão-padrão e pomerano podem ser chamados de “deficientes” ou, falando em termos mais acadêmicos, falantes dessas línguas têm que contar com o contexto (linguístico) para entender a oração corretamente.

Comparando a tradução para o alemão-padrão e para o pomerano, imediatamente percebemos que (3) e (4) são muito mais similares do que (1) e (2). Reconhecidamente, o verbo modal *müssen* do alemão-padrão em (3) ainda aparece como um infinitivo e não, conforme o esperado, como particípio do passado e, certamente, a posição do verbo modal *müst* em (4) no pomerano é ainda incomum para um falante de alemão-padrão. No entanto, essa posição é menos incomum do que a de *küüt* em (2), e pode ser detectada em muitas variedades do alemão da Europa. Além disso, ambas as traduções agora mostram o mesmo número de elementos verbais. Isso significa que o pomerano distingue entre orações de passado factual e passado contrafactual com verbos modais com um número diferente de elementos verbais (sem duplicação sintática em (4)) e com uma posição diferente de verbo modal. Além disso, o bloqueio de concordância em (2) raramente acontece em orações de passado factual, algo que infelizmente não pode ser demonstrado sem ambiguidade com (4) (cf. KAUFMANN, no prelo, para mais detalhes sobre orações no passado contrafactual em pomerano). Apesar da falta do modo subjuntivo no pomerano, essa língua distingue orações de passado factual e passado contrafactual e faz isso de uma forma melhor que o alemão-padrão. O alemão-padrão apenas marca a diferença no verbo finito, o que aparece no modo subjuntivo em (1) e no modo indicativo em (3). Aprender tais fatos deveria reforçar a autoconfiança de falantes de pomerano, especialmente porque eles e outros falantes minoritários estão acostumados a avaliar a gramática da própria língua negativamente. Essa atitude infeliz pode ser demonstrada através de uma citação do documentário brasileiro *Walachai*, que foca em falantes de hunsriqueano. Um deles diz (em hunsriqueano; cf. PUPP SPINASSÉ, 2016, p. 83):

Nós falamos tudo misturado aqui. Quando os alemães estiveram aqui, só dizíamos ‘não sei’, ‘não sei’. Alemão é alemão, não é português. Eles não entendem nada do que a gente fala. O que a gente fala não é nem alemão nem brasileiro. Não é nada. É um alemão ruim. Faltou escola.

A marcação de contrafactualidade no pomerano pode ser tudo menos um caso de “alemão ruim”. Pelo contrário, é muito mais uma prova de criatividade linguística dos seus falantes e nos garante *insights* importantes sobre o processo cognitivo de produção linguística. Tais estratégias criativas podem ser encontradas em muitas línguas. Em português e inglês, por exemplo, a perda de marcação de caso explícito levou a uma ordem frasal menos flexível, mas também menos ambígua. Em ambas as frases-estímulo apresentadas, as versões em português e inglês ordenam que o sujeito seja colocado em frente do verbo finito, pois essa é a única posição possível, ao passo que tanto no alemão-padrão quanto no pomerano isso ocorre após o verbo finito. É importante dizer que essas línguas, que possuem marcação de caso, permitem mais de uma posição para o sujeito na oração, e isso possibilita que os falantes dessas línguas topicalizem diferentes constituintes. Embora seja certo que, com relação ao passado (contra)factual, os informantes pomeranos produziram diferentes variantes de tradução para as frases-estímulo, algumas das quais coincidem formalmente. A maioria delas, entretanto, é caracterizada por, pelo menos, um aspecto distintivo e muitas delas apresentam mais de uma característica distintiva.

Diante de tanta variação, pode-se lamentar a falta de uma variedade padrão do

pomerano. No entanto, deve-se destacar o fato de que a comunidade discursiva pomerana consegue funcionar apesar da grande quantidade de variação linguística, um grau que conhecemos através de períodos arcaicos de português, inglês e alemão. Nessas línguas, entretanto, ninguém duvidaria que essa variação é interessante e importante de ser pesquisada. Mais uma vez, é possível identificar o julgamento ambíguo que seres humanos gostam de aplicar a línguas padrão e não-padrão, tal como Bourdieu (1994, p. 55) descreve:

A competência adequada para produzir sentenças que serão entendidas pode ser bastante inadequada para produzir sentenças que serão *ouvidas*, reconhecidas como *aceitáveis* em todas as situações em que houver ocasião para usá-las. Aqui, novamente, a aceitabilidade social não é redutível à mera gramaticalidade.

7. Na sua opinião, que fatores contribuem para a manutenção de línguas minoritárias? Como a pesquisa sobre essas línguas poderia contribuir nesse sentido? O que você sugere para que nós, brasileiros, possamos aprimorar as políticas linguísticas para favorecer a manutenção das nossas línguas minoritárias?

Já toquei em algumas dessas questões. Com relação à manutenção de uma língua minoritária, a parte mais crucial é como os seus falantes agem. Se eles pararem de usar a língua minoritária em casa e de transmiti-la para a geração seguinte, a sua língua estará condenada. Embora um *status* oficial para línguas minoritárias e a possibilidade de aprender (algo sobre) tais línguas na escola sejam importantes, essas medidas, por si só, não poderão salvá-las. Portanto, uma política linguística que foca exclusivamente em tais medidas está fadada ao fracasso. Outro ponto importante é que não apenas o contexto linguístico da comunidade em questão deve ser fortalecido. Isso se refere diretamente à frase de Bourdieu (1994, p. 55) “a aceitabilidade social não é redutível à mera gramaticalidade”. Embora seja crucial demonstrar aos falantes de uma língua minoritária que a sua gramática é complexa e “lógica” como qualquer outra, a aceitação social mencionada por Bourdieu é igualmente importante. Os falantes de línguas minoritárias devem (poder) sentir orgulho da sua habilidade de falar outras línguas além do português e devem (poder) sentir orgulho do fato de que possuem uma segunda identidade além da brasileira. A fim de proporcionar tal sentimento de orgulho, falantes monolíngues de português devem ser incluídos em todas as políticas linguísticas adotadas. Eles também devem entender as vantagens da manutenção de uma língua minoritária.

Permita-me adicionar, nesse momento, mais uma consideração. É de extrema importância que tanto grupos majoritários quanto grupos minoritários reflitam sobre suas ações passadas. Falantes de uma língua minoritária podem responder à pergunta por que seus antepassados, e frequentemente até a geração dos seus avós ainda vivos, não se sentiam estimulados a aprender português. O Brasil lhes ofereceu um novo lar, que era aparentemente mais atraente que o seu lar na Europa. Afinal, se o reino da Prússia tivesse tratado bem os pomeranos, eles certamente não teriam deixado a Europa. Como a posição do grupo majoritário é mais forte, ele pode não enxergar a necessidade de refletir sobre ou desculpar-se por algo. Entretanto, desculpar-se por erros passados pode ser um primeiro passo importante para um futuro melhor, não apenas para o grupo minoritário, mas também para o majoritário. O primeiro-ministro australiano Kevin Rudd fez isso quando começou seu famoso discurso de desculpa em 2008 com as seguintes palavras (cf. <https://www.youtube.com/watch?v=xiLnsFyAVqE>; último acesso em 28 de novembro de 2019):

Hoje homenageamos os povos indígenas dessa terra, as mais antigas culturas contínuas da história da humanidade. Nós refletimos sobre os maus-tratos no passado. Refletimos, em particular, sobre os maus-tratos daqueles que foram gerações roubadas [*stolen generations*] - este capítulo manchado em nossa história nacional. Chegou a hora do país virar uma nova página, uma nova página na história da Austrália, corrigindo os erros do passado e avançando com confiança no futuro. Pedimos desculpas pelas leis e políticas de sucessivos parlamentos e governos que infligiram profunda mágoa, sofrimento e perda a esses, nossos compatriotas australianos.

O termo “gerações roubadas” se refere às crianças de aborígenes que foram retiradas de seus pais para serem criadas em ambientes cristãos e/ou brancos. Fazendo isso, oficiais australianos esperavam acelerar a assimilação linguística e cultural das minorias autóctones para a língua e sociedade da maioria alóctone branca (cf. o excelente filme *Rabbit Proof Fence*; Noyce, 2002). Podemos chamar isso de “branqueamento da mente”. Certamente, o discurso de desculpas do Rudd ainda não gerou muitos frutos, isto é, o racismo na Austrália ainda existe, mas esse discurso foi um importante primeiro passo. Um comentário na mesma linha demonstra isso claramente. O usuário *pmstavros*, provavelmente um australiano de descendência grega, comentou em 2014: “Seis anos depois e ainda é um dos pontos altos da história australiana”. O ponto mais alto que posso lembrar nesse sentido na história recente do meu país é o chamado *Kniefall von Warschau* (genuflexão de Varsóvia). Em 1970, o Chanceler Alemão Willy Brandt, que resistiu ao regime Nazista e esteve em exílio durante o Terceiro Reich, visitou a Polônia e reconheceu sua fronteira ocidental. Ao fazer isso, a Alemanha reconheceu que os territórios perdidos como resultado da Segunda Guerra Mundial não voltariam a fazer parte da Alemanha, entre eles a Pomerânia Oriental, de onde vieram os antepassados dos brasileiros pomeranos. Na mesma ocasião, Brandt visitou o monumento da revolta do Gueto de Varsóvia. Após depositar uma coroa de flores, ele se ajoelhou e permaneceu no chão por algum tempo em homenagem silenciosa aos milhões de judeus assassinados por alemães em guetos e em campos de concentração da Europa Oriental e Alemanha. Wikipedia descreveu as consequências desse gesto de humildade da seguinte maneira (cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Kniefall_von_Warschau; último acesso em 28 de novembro de 2019):

Embora, na época, as reações positivas possam ter sido limitadas, sua demonstração de humildade foi um pequeno passo, mas vital, para reduzir as lacunas que a Segunda Guerra Mundial havia deixado entre a Alemanha e a Europa Oriental. Em termos históricos, Brandt ganhou muita fama por esse ato, e acredita-se que seja uma das razões pelas quais recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1971.

Obviamente, o tratamento de imigrantes europeus durante a época do Estado Novo não pode ser comparado à terrível história das gerações roubadas na Austrália e, muito menos, às atrocidades cometidas pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial. No entanto, algumas palavras reconciliadoras seriam bem recebidas pelos descendentes daquelas pessoas cujos direitos linguísticos foram tão severamente infringidos. Muito mais importante seria um discurso de desculpas aos imigrantes que não vieram voluntariamente para o Brasil e que não são considerados um grupo alóctone. Os descendentes desses “imigrantes” já perderam suas línguas de herança, mas ainda esperam por uma reflexão pública sobre os maus-tratos dos seus antepassados e também deles. A história dos africanos escravizados, seja no Brasil, nos Estados

Unidos, ou no Caribe, qualifica-se como um dos crimes mais ultrajantes contra a humanidade. Já está na hora de os países em que a escravidão foi praticada reconhecerem esses crimes e o fato de que a sua riqueza é resultado de séculos de trabalho forçado e, até hoje, não remunerado.

Referências

- BAGNO, Marcos. *Dramática da Língua Portuguesa: Tradição Gramatical, Mídia & Exclusão Social*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *Language & Symbolic Power*. Cambridge: Harvard University Press, 1994.
- Closing the Gap (2017). *Prime Minister's Report 2017* (<https://www.niaa.gov.au/sites/default/files/reports/closing-the-gap-2017/appreciating-our-national-culture.html>; last accessed November 28, 2019).
- DOVALIL, Vít. Language management theory as a basis for the dynamic concept of EU language law. *Current Issues in Language Planning*, v. 16, n. 4, p. 360–377, 2015.
- FISHMAN, Joshua A. What is reversing language shift (RLS) and how can it succeed. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 11, p. 5–36, 1990.
- HAMEL, Rainer Enrique. Language conflict and language shift: a sociolinguistic framework for linguistic human rights. *International Journal of the Sociology of Language*, v. 127, p. 105–134, 1997.
- HOBSBAWM, Eric. *Nations and Nationalism since 1780: Programme, Myth, Reality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- KAUFMANN, Göz. Language maintenance and reversing language shift. In: Ulrich Ammon; Norbert Dittmar; Klaus Mattheier, and Peter Trudgill (eds.). *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society*. Berlin/New York: de Gruyter, 2006. p. 2431–2442.
- KAUFMANN, Göz. The verb cluster in Mennonite Low German: a new approach to an old topic. *Linguistische Berichte*, v. 210, p. 147–207, 2007.
- KAUFMANN, Göz. Falar espanhol or hablar portugués: attitudes and linguistic behavior on the Brazilian-Uruguayan and Brazilian-Argentinian border. *Romanistisches Jahrbuch*, v. 60, p. 276–317, 2010.
- KAUFMANN, Göz. Atitudes na sociolinguística. In: Mello, Heliana, Cléo Altenhofen, and Tommaso Raso (eds.). *Os contatos lingüísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 121–137.
- KAUFMANN, Göz. Rare phenomena revealing basic syntactic mechanisms: the case of unexpected verb-object-sequences in Mennonite Low German. In: Adli, Aria, Marco García García, and Göz Kaufmann (eds.). *Variation in Language: System- and Usage-based Approaches*. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 2015. p. 113–146.
- KAUFMANN, Göz. „Sorvete und Tema is nich Dütsch“: Zur lexikalischen Integration von Entlehnungen in drei deutschen Varietäten Südbrasilien. In: Eller-Wildfeuer, Nicole, Péter Maitz, and Alfred Wildfeuer (eds.). *Sprachkontaktforschung – explanativ*. Stuttgart: Steiner, 2017. p. 260–307.
- KAUFMANN, Göz. Mennonitenplautdietsch in Nord- und Südamerika (MEND). In: IDS (ed.). *Archiv für Gesprochenes Deutsch* (http://agd.ids-mannheim.de/MEND_extern.shtml), 2018a.

- KAUFMANN, Göz. Relative markers in Mennonite Low German: their forms and functions. In: Speyer, Augustin and Philipp Rauth (eds.). *Syntax aus Saarbrücker Sicht 2: Beiträge der SaRDIS-Tagung zur Dialektsyntax*. Stuttgart: Steiner, 2018b. p. 109–148.
- KAUFMANN, Göz. Attitudes and language behavior at the Brazilian-Uruguayan border. In: Núñez-Méndez, Eva (ed.). *Biculturalism and Spanish in Contact: Sociolinguistic Case Studies*. London: Routledge, 2019. p. 69–91.
- KAUFMANN, Göz. 'In the thick of it: Scope rivalry in past counterfactuals of Pomerano.' *Journal of Comparative Germanic Linguistics*. No prelo.
- MATTHEIER, Klaus J. Theorie der Sprachinsel: Voraussetzungen und Strukturierungen. In: Berend, Nina and Klaus J. Mattheier (eds.). *Sprachinselforschung: Eine Gedenkschrift für Hugo Jedig*. Frankfurt/Main: Lang, 1994. p. 333–348.
- MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. *Sociolinguistics: Method and Interpretation*. Malden/MS: Blackwell, 2003.
- NOYCE, Phillip. *Rabbit Proof Fence* (filme), 2002.
- PUPP SPINASSÉ, Karen Das brasilianische Hunsrückische: Soziolinguistische Aspekte einer durch Sprachkontakt geprägten Minderheitensprache. In: Lenz, Alexandra N. (ed.). *German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung*. Göttingen: V & R Unipress, 2016. p. 81–102.
- ŞAMDERELI, Yasemin; ŞAMDERELI, Nesrin. *Alemanya – Willkommen in Deutschland* (filme), 2011.
- URBAN, Thomas. *Schwarze Adler, weiße Adler: Deutsche und polnische Fußballer im Räderwerk der Politik*. Göttingen: Die Werkstatt, 2011.
- ZILLES, Rejane. *Walachai* (documentário), 2009.